

Mantega nega emissão desordenada de LFT

FERNANDO NAKAGAWA
BRASÍLIA

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, negou que o governo voltará a emitir dívida pós-fixada de forma desenfreada. Um dia depois de o secretário do Tesouro Nacional, Carlos Kawall, anunciar que os leilões de Letras Financeiras do Tesouro (LFT) irão voltar em junho, Mantega negou que essas operações sejam um retrocesso na administração da dívida. "Isso não quer dizer que vamos voltar a emitir LFT adoidado", disse.

Na avaliação de Mantega, o retorno das LFT aos leilões do Tesouro serve para dar conta de uma situação um "pouquinho" mais estressada do mercado. O ministro lembrou que a participação dos papéis pós-fixados tem caído no estoque da dívida mobiliária federal interna e que os títulos prefixados e atrelados a índice de preço seguem aumentando. "Continuaremos nessa direção. Logicamente, pode ocorrer algum retrocesso para atender a uma situação especial", disse.

Com relação aos dias conturbados do mercado financeiro, o ministro afirmou que serviram para reafirmar a solidez da economia brasileira. Sobre a volta da valorização do real, ele citou

que a situação para o dólar está pior que há alguns dias. Rapidamente, tratou de afirmar que não existe patamar ideal para a divisa norte-americana.

Já o ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, explicou que alguns agentes estavam operando apenas no curto prazo — sem que fossem feitas compras de dólar com antecedência para honrar compromissos futuros. Nessa

situação e diante do aumento de volatilidade em empresas precisam ir ao mercado para comprar divisas e pagar compromissos



Guido Mantega

no exterior. Esse quadro acaba aumentando a volatilidade.

Furlan disse acreditar que a turbulência do mercado financeiro estará completamente resolvida nas próximas duas semanas. "Provavelmente, em duas semanas a situação deve se regularizar". Em linha com uma possível solução rápida para o quadro, Luiz Fernando Furlan avalia que o comércio exterior e o resultado das empresas brasileiras não devem sentir a onda conservadora entre os investidores.